

OCCIDENTE

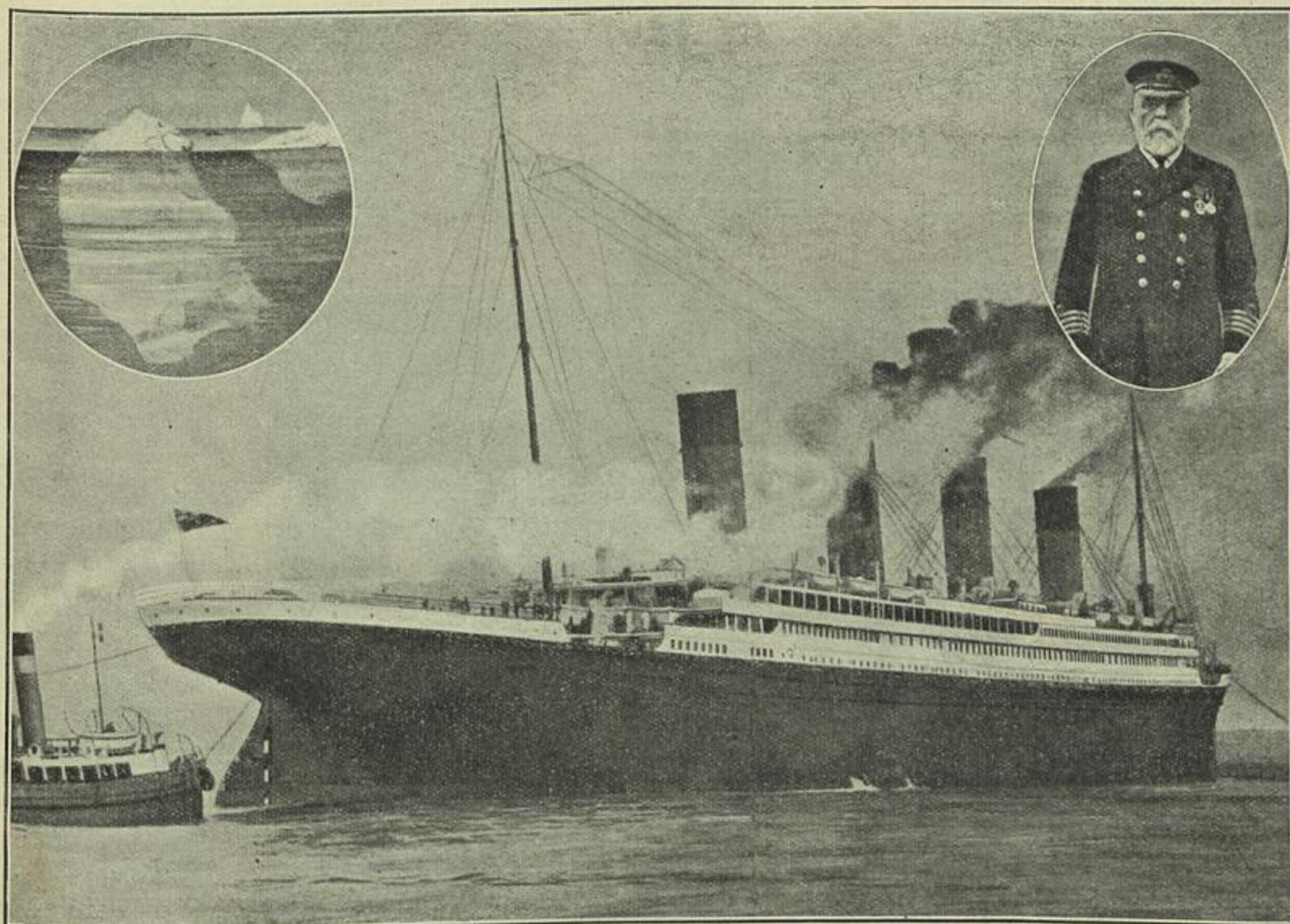
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO
 Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	5950	5120
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	5950	5120
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	5950	5120

35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1200
30 de Abril de 1912

Redacção — Atelier de gravura — Administração
 Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
 Praça dos Restauradores, 27
 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

O Naufragio do Transatlantico "Titanic" (Veja cronica Occidental)



«Icebergs» (blocos de gelo) onde naufragou o «Titanic»
 Vé-se que a parte debaixo d'agua é cinco vezes maior da que se vê á superficie

O capitão E. J. Smith
 comandante do «Titanic»

O «TITANIC» SAHINDO DO PORTO DE SOUTHAMPTON PARA A SUA PRIMEIRA VIAGEM A NEW-YORK

CRONICA OCCIDENTAL

A cronica tem hoje que sahir dos limites deste recanto do Occidente, porque um acontecimento mundial reclama toda a atenção da solidariedade humana, no que ella tem de mais precioso: a Vida!

No espantoso naufragio do *Titanic*, que impressionou todo o mundo, pela grandeza da ca-

tastrofe, em que se perderam milhares de vidas e milhares de contos de réis, ha muito que meditar sobre a inanidade das coisas humanas!

O *Daily Mail*, de Londres, lembra um romance de Robertson, publicado ha quatorze anos sob o titulo *Futility*, cujo fim era fazer vêr a audacia, senão a loucura, de construir estes gigantes da navegação.

Assim, no seu romance, imaginou o *Titan*, um enorme transatlantico de 45:000 toneladas, transportando 2:000 passageiros, e que se afunda, ao bater contra um *iciberg* (bloco de gelo). Este

transatlantico, construido por competentissimos engenheiros navaes, com toda a ciencia de engenharia, era considerado pelos tecnicos como in-submergivel a despeito de todos os accidentes causados pelo mar.

O romance de Robertson, que passou como outra qualquer fantasia de um romancista, mais parece agora uma profecia, pois que o naufragio do *Titanic* deu-se precisamente sob as mesmas condições do *Titan* imaginado por Robertson!

O *Titanic*, mandado construir pela White Star Line Company, era o maior navio do mundo até

hoje construído, deslocando 45.000 toneladas, medindo 268 metros de comprimento e 28 metros e 192 milímetros de largura, por 29 metros e 666 milímetros de altura do casco, além das chaminés, que somadas lhe davam a altura total de 53 metros. Tinha 10 *deks* servidos por elevadores.

A primeira classe, luxuosa, tinha acomodações para 750 passageiros, compreendendo 350 camarotes com todas as comodidades imagináveis, tendo na parte superior duas camaras suntuosas repartidas em quartos de dormir, salão, sala de fumo e *promenoir*, quartos de banho, etc., tudo independente, para famílias que não quizessem conviver com os demais passageiros da mesma classe, sendo-lhes ali servidas as refeições. O aluguer destes dois compartimentos custava 21.750 francos cada um. O aluguer para passagem em cabine independente era de 2.606 francos. Um lugar em cabine 650 francos. Isto com respeito á primeira classe.

Por aqui se póde avaliar os preços da 2.^a e 3.^a classes, sendo as passagens nesta de 193 francos.

Esta pequena cidade flutuante apresentava ainda todas as diversões de desportos, como piscina para natação, ginásios, aparelhos para pedalar e para remar, jogos, cafés, salas de musica e, até um jornal, impresso a bordo, publicando de manhã e á tarde todas as notícias transmitidas pela telegrafia sem fios, dando conta do que de importante se passava no mundo, secção literaria e anuncios de comercio de luxo de casas de Londres e de New-York. Este jornal denominado *Daily Titanic* era redigido em inglês, francês e alemão, por tres jornalistas, e fornecido aos assinantes, que para isso pagavam um dollar durante a viagem. Só os anuncios cobriam a despesa do jornal.

Este era o grande transatlantico, construído com todas as comodidades e com toda a ciencia, estando assegurada pelos construtores, a impossibilidade da sua insubmersão pois que o haviam dotado dos compartimentos estanques devidamente calculados para equilibrarem o navio mesmo que lhe entrasse a agua.

O *Titanic*, pela potencia das suas maquinas, em que empregava 300 homens, devia fazer a viagem de Southampton a New York em quatro dias e meio, batendo assim o *record* da velocidade atravez do Oceano Atlantico.

Este era o grande triunfo que se aguardava!

Sob o comando do capitão Smith, um lobo do mar que o cruzava ha 38 anos, largou, no dia 10 á tarde, de Southampton, o *Titanic*, em direcção a New-York. Foi um acontecimento que emocionou a população, e de grande numero de portos estrangeiros ali acudiram engenheiros, construtores navaes, officiaes de marinha de guerra e mercante, armadores, o ministro do comercio, Mr. Sidney Buxton, ministro da marinha, Mr. Winston Churchill e mais duzentos membros da camara dos comuns, representantes da imprensa, etc.

O *Titanic* singrou resfolgando do vapor das suas caldeiras, lançando das chaminés das fornalhas, nuvens de fumo ao vento a desfazerem se na amplidão, como o seu formidavel vulto se ia perdendo na distancia, á vista dos que o contemplavam na rapida marcha atravez o Oceano.

A seu bordo ia uma multidão, composta de 750 passageiros de 1.^a classe, 500 de 2.^a e 1.100 de 3.^a além da companhia de marinheiros, fogueiros, maquinistas, criados, etc.

Nos passageiros, especialmente da 1.^a classe iam crésus, arquimilionarios que tinham disputado a peso de ouro, os seus logares na primeira viagem do *Titanic*; iam damas cujas joias valiam milhares de libras, incluindo os colares de perolas de uma dama americana no valor de 120.000 libras. Transportava millões em dinheiro e uma grande parte de seus passageiros tinham a vida segura em quantias avultadissimas.

Era uma multidão de vidas e montes de riquezas que o *Titanic* levava a dentro das suas amuradas, e ele proprio representava sessenta milhões de francos, quanto custara e quanto valia o seu rico mobiliario, as suas baixelas, os seus cristaes e loiças, afóra a enorme provisão de comestiveis para a viagem.

Mas o *Titanic* ia seguro da sua resistencia e o comandante era experimentado, sabedor, incontestavelmente competente para a empresa, para a responsabilidade que tomara. Não havia que recar.

O ultimo *record* da velocidade havia de se bater; todas as eventualidades estavam previstas, e para melhor aviso, o comandante do *La Touraine*, Mr. Caussin, que fazia a viagem de New York para Southampton, prevenira pela telegrafia sem fios ao capitão Smith de que na derrota que ia seguir — o caminho mais curto — encontrava trinta e cinco *icibergs* com os quaes era preciso todo o cuidado, navegando com prudencia para não chocar com algum deles.

Contudo o capitão Smith confiava absolutamente na resistencia do seu navio. Chegou ao ponto perigoso e moderou a marcha a 20 nós, entretanto os entendidos opinam que com esta velocidade seria impossivel livrar-se de um choque com um *iciberg* mesmo que o avistasse a uma grande distancia.

Mas a viagem tinha que bater o *record* de todas as viagens realizadas até ali, e nestes casos não se podia dispensar uma certa velocidade mesmo atravez dos perigos.

O *Titanic* navegava nestas condições quando ás 10 e 25 minutos da noite de 13 foi de encon-

tro a um bloco de gelo flutuante, na latitude de 40°.46' norte e 60°.46' oeste entre a ilha de Sable e Cape Race.

O choque sentido a bordo foi violentissimo, mas o susto passou depressa porque o navio continuava a navegar sem interrupção nas maquinas e na luz eléctrica. Mas não tardou que, á ordem do comandante, os marinheiros principiassem a arrear os escaleres e lanchas de salvacão. O *Titanic* tinha sofrido um grande rombo na prôa por onde a agua entrava, não passando contudo para dentro, devido aos compartimentos estanques.

O capitão Smith calculou que a resistencia do *iciberg* não seria superior á resistencia do navio, e assim com um maior esforço das maquinas o bloco cederia e o *Titanic* passaria adiante. As maquinas desenvolveram então toda a força, mas o bloco resistia e o navio todo se abalava. A pressão da agua contra as paredes dos compartimentos estanques era poderosa, até que estas cederam e a agua entrou invadindo o navio que começou a mergulhar a prôa.

Estava tudo perdido. As lanchas de salvacão mal chegavam para a terça parte das pessoas que iam a bordo, mas o salvamento dos passageiros fez-se em ordem até onde elas chegaram.

O comandante Smith, com toda a presença de espirito, mandou que, primeiro embarcassem nas lanchas os passageiros fracos, indefesos, as mulheres e as crianças, e assim se fez.

De toda aquela multidão de homens que ficavam a bordo do navio prestes a afundar-se, só tres italianos se não conformaram querendo saltar para as lanchas, mas estes foram mortos a tiro.

Cenas dilacerantes se deram entre mulheres e maridos, não querendo aquelas abandonal os; ficaram a bordo para morrerem com eles, apesar de haver ainda logar nas lanchas para as receber. Haviam noivos que iam fazer a sua primeira viagem de nupcias.

O milionario Astor, embarcando a sua esposa, uma senhora de pouca saude, perguntou ao comandante se a podia acompanhar.

— Não embarca nenhum homem sem estarem salvas todas as mulheres, lhe respondeu.

E Astor ajudou a salvar mulheres e creanças.

No ultimo escaler que se ocupou, ainda restavam alguns logares, e o comandante disse a Astor para embarcar nele, mas este recusou.

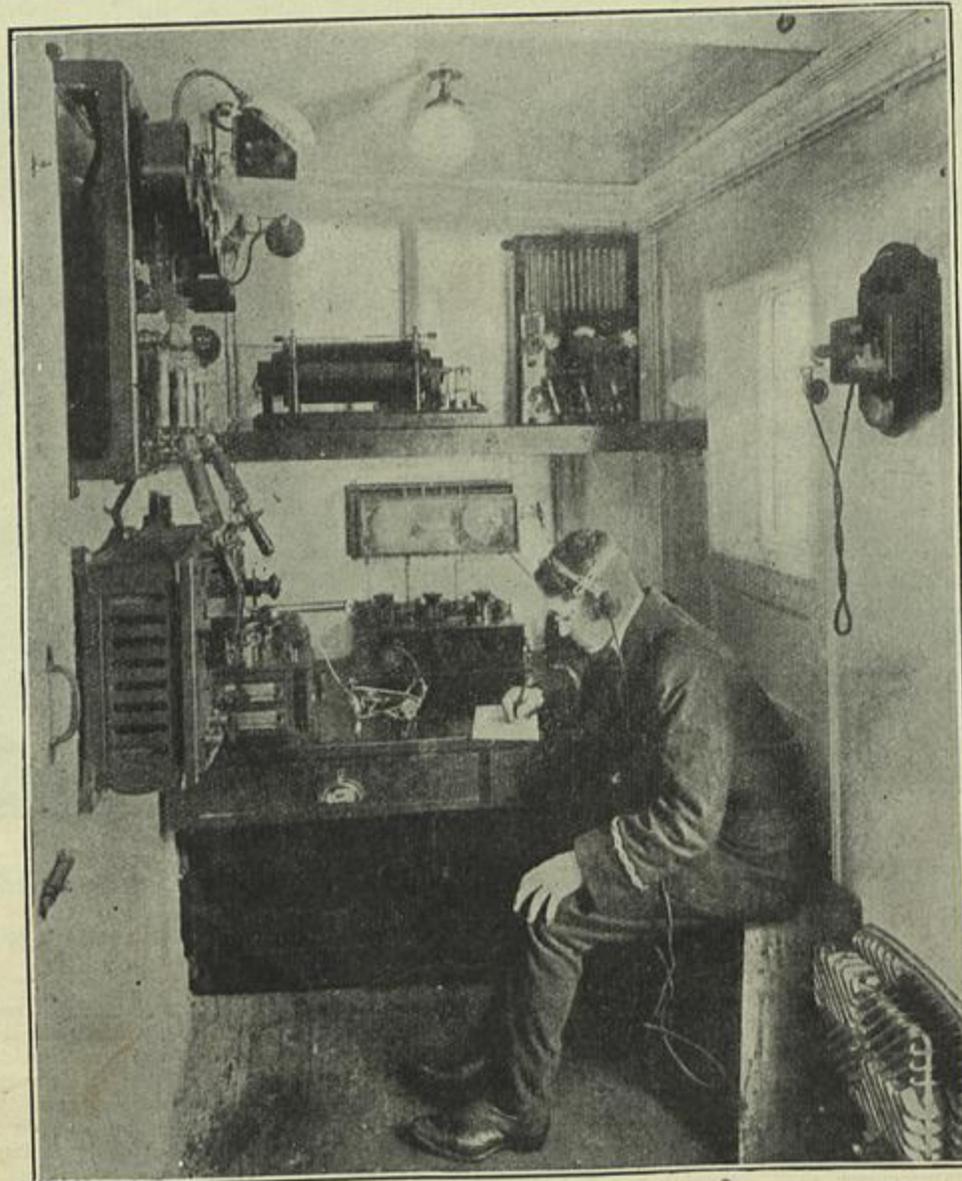
E' admiravel o procedimento heroico de toda a officialidade e marinheiros pela coragem com que encararam o perigo e a abnegação de morrerem firmes no seu posto, como lhes impunha o cumprimento da disciplina.

Outro admiravel procedimento é o do telegrafista Jack Philips que se conservou no seu posto, até submergir-se, transmitindo pela telegrafia sem fios tudo quanto se ia passando a bordo, sendo o seu ultimo telegrama já confuso, cortado, dando bem a conhecer as criticas circunstancias em que era expedido.

Cabe notar que devido a este homem é que se puderam salvar os 868 naufragos embarcados nas lanchas; a este homem e á grande invenção de Marconi do telegrafo sem fios, que assim marcou mais um triunfo.

Sem a telegrafia sem fios não se saberia da catastrophe a tempo de socorrer os naufragos.

O *Titanic* desapareceu da superficie do mar ás 3 horas da madrugada. Então ouviram-se gritos angustiosos de milhares de vozes que juntos ao es-



O TELEGRAFISTA JACK PHILIPS DO «TITANIC» QUE TRANSMITIU ATÉ FINAL AS NOTÍCIAS PELA TELEGRAFIA SEM FIOS E MORREU NO SEU POSTO

trondo das máquinas que se despedaçavam, fazia medonho pavor. Deste tenebroso espetáculo foram testemunhas os naufragos embarcados nas lanchas, onde jazeram por cinco horas até que chegasse o socorro do *Carpathia* que os recebeu transidos de frio, estonteados, outros feridos e mortos, quem sabe se de pavor! Assim os conduziu para New York.

Esta enorme catastrophe servirá para prevenir este louco caminhar para a morte, na ambição de ganhar tempo e gastar a vida?

Virá demonstrar os inconvenientes de construir tão monstruosos navios, que parecem incompatíveis com a pratica da navegação?

Fará reconhecer o grande risco que correm as vidas e os capitães, que podem comprometer?

São perguntas a que só o futuro poderá responder, pois neste momento se está construindo o *Imperator*, da linha de Hamburgo que baterá ainda o *record* da velocidade e do luxo, e nos estaleiros de Glasgow o *Aquitania*, da companhia Cunard, que já está cognominado a *lebre do mar*, pelos engenheiros navaes.

O *Titanic* e os valores que levava a bordo, seguros em difrentes companhias inglesas, francesas, alemãs, americanas e japonesas, além da parte segura pela propria companhia proprietaria, causou a estas, perdas consideraveis, acrescidas ainda do pagamento de seguros de vida de uma grande parte dos passageiros que pereceram.

Logo que se soube da perda do *Titanic*, as ações da Whit Star Line desceram imediatamente 5 pontos e mais descerão ainda.

Em Londres, logo se abriram subscrições nacionaes para socorrer as familias das vitimas que ficaram em miseria. O rei Jorge, rainhas Maria e Alexandra subscreveram respetivamente com 500, 250 e 200 guineus. O *Daily Mail* subscreveu com 500 libras e dirigiu um apelo ás damas inglesas em favor dos desgraçados.

Os emprezarios de espectaculos organisam recitas em beneficio.

Os lords-maiores de Liverpool e de Southampton abriram tambem subscrições. Emfim envolve-se um grande movimento de caridade, que poderá minorar os prejuizos materiaes, mas não restituirá as vidas perdidas nem consolará tantos corações que sofrem.

CAETANO ALBERTO.

Terra de Sol

Versos de José Coelho da Cunha

Em uma linda brochura, nitidamente impressa em papel de linho, foi-me oferecido este livro de versos, com uma amavel dedicatória do seu autor, dedicatória que não sei como agradecer.

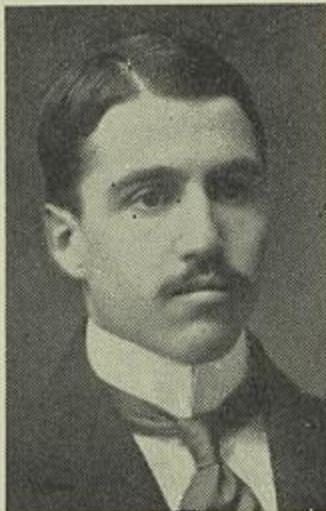
A razão é simples.

E' meu dever não só agradecer, mas ainda apreciar a lembrança, que tão gentilmente me é oferecida, e nisto é que encontro dificuldade, para que a minha apreciação não vá á conta da simpatia que tenho pelo autor, filho do meu presado amigo e primoroso poeta, director do *Diario de Noticias* e meu antigo colega na imprensa, o sr. dr. Alfredo da Cunha, e neto de outro amigo, saudoso, porque ha muito é falecido, Eduardo Coelho, que conheci e com quem travei apertada amizade por 1862 ou 63 na botica do Durão, no Chiado, defronte dos Martires, onde, naquele tempo, se reuniam alguns politicos, jornalistas e artistas, discutindo o que se passava na politica, no jornalismo, na literatura, nos teatros, etc., discussões em que tomavam parte Rodrigues Sampaio, Fradesso da Silveira, Nogueira da Silva, Vieira da Silva e quantos mais, não faltando Eduardo Coelho que por ali ia colher assunto, para as suas cronicas e noticias, na *Revolução de Setembro*, de cuja redacção fazia parte a esse tempo.

Ha que anos isso vae! Como estou velho!

Tive então meio de conhecer e apreciar as qualidades de Eduardo Coelho, que sempre o acompanharam na sua vida de trabalho e luta. Os dotes do seu caracter honrado e trabalhador infatigavel, mediam-se pelos do seu talento, revelado

nas produções literarias que o teatro lhe deveu, nos romances e na poesia, que embora a cultivasse em menor escala, — porque as musas não dão de comer e ele tinha uma numerosa familia a sustentar — nem por isso deixava de ser um poeta de alma e coração aféivo.



JOSÉ COELHO DA CUNHA

E' esta qualidade que eu vejo revelada no livro de José Coelho da Cunha, *Terra de Sol*, e que vem confirmar, mais uma vez, as leis do atavismo, ou como se diz na pitoresca linguagem do povo: «Filho de peixe sabe nadar».

Poeta aféivo disse, e que outra cousa havia de ser com tão bela ascendencia, um poeta de 19 anos, que vem revelar ao publico as primicias do seu sentir, como diz ao abrir o livro:

«O' Terra minha mãe,
O' minha linda Terra!
Quanto este livro encerra,
O nada que contém.

E que é a voz de algum
Cantando o vale e a serra,
Cantando a luz, a terra,
O trabalho e o bem,

Oferta-to, em penhor
Do seu sagrado amor
Virgem de desenganos,

A minha primavera
Plena da fé sincera
Dos desanove anos.»

A simplicidade dos seus versos é encantadora em todo o livro, como, por exemplo, *Os Moinhos*:

«Nos ermos solitarios os moinhos
— Azas brancas do vento —
Longe do reboliço dos caminhos
Gemem o seu lamento,

Que ecôa vagamente pelo ar,
Juntando se ao das fontes,
E, em côro, com as aves a cantar
Conversam com os montes.»

Nesta simplicidade o poeta revela a sua arte e tambem a sua filosofia já latente em muitas das composições, como se encontra nos *Sinos*:

«Em canticos de amor e de alegria
O sino os casamentos anuncia.

Ha grande festa na aldeia
Que engrinaldada foi toda
E o pai da noiva franqueia,
Por ser o dia da boda,
Almoço, jantar e ceia.

Dizem ao mundo alegres quem nasceu,
Choram tristes no mundo quem morreu,

Solta seu grito de dôr
O sino da freguezia
E tudo é negro em redor.
Morreu quem inda outro dia
Baptisava com amor.»

No *Inverno*, o coração do poeta confrange-se neste contraste:

«Por uma longa estrada, lamacenta,
Caminha uma creança sem a mãe;
Rôta e descalça, treme friorenta.

Junto dela passava de corrida,
Outra creança em luxuoso trem...
Dolorosos contrastes desta vida!»

E quanto haveria a fazer sobressair das trinta e tantas composições deste encantador livro, se houvera espaço para alongar esta singela apreciação.

Revelou-se o poeta, sem preocupações de escolas nem pretensões de novas fórmulas ou processos. E' simples, mas já conceituoso, nos seus poucos anos. A bondade do seu coração transparece em todo o livro, que amavelmente dedica a seus paes, como tambem seu amor se afirma á terra em que nasceu, a *Terra de Sol*, á qual dedica a ultima poesia, *Portugal*, principiando:

Portugal, terra bem dita,
Paiz de rios e serras,
Ha no mundo muitas terras
Mas nenhuma tão bonita.

Portugal, meu Portugal,
Onde nasceu minha mãe,
Tu, que fazes tanto bem,
Só tens quem te queira mal!

Quanto amor patriótico se exprime nestes simples versos.

E aqui está a impressão que nos fez a leitura do livro *Terra de Sol*, impressão que todo o leitor sentirá percorrendo-o, e reconhecerá a justiça da minha apreciação, independente da simpatia que tenho pelo seu autor.

C. A.

Questões d'arte

Um artista esquecido, Johann-Rudolph Zumsteeg

(1760-1802)

IV

A existencia de Zumsteeg depois do seu casamento, ainda que bastante limitada, foi uma vida nobre e intelligente, e sobre tudo tranquilla, apesar das enormes dificuldades de dinheiro com que elle luctou sempre, falta de saude dos seus, de si proprio e ainda mais, a morte de tres filhos.

Luiza Zumsteeg em uma das suas cartas disse que soffriam constantemente uma *cadeia de dôres*, mas o compositor como tivesse uma grande elevação de caracter, e um prestigio moral extraordinario soube illuminar o seu lar, com todas as luzes da paz, de uma harmonia sublime!

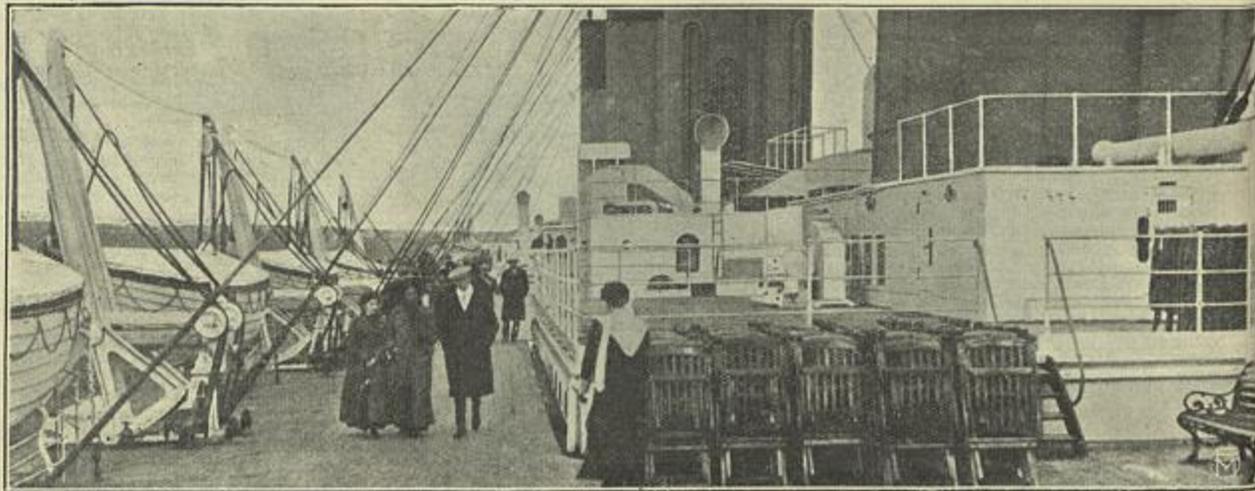
Para Zumsteeg a figura de sua mulher era o seu constante pensamento, era a synthese da existencia, a maior e a unica origem inspiradora das suas composições. Zumsteeg não concebia um plano, uma obra, um projecto, uma ideia que lhe não revellasse; felizmente encontrou em Luiza uma alma bôa, propensa para o Bello, e aquellas duas almas comprehendiam-se tão intimamente que formaram um *ser* pensando e agindo da mesma fórma! Em um pequeno album, hoje pertencente a uma pessoa de familia do compositor, encontramos uma enorme quantidade de peças copiadas pela mão de Zumsteeg e datadas por sua mulher. Estas pequeninas obras, que somente apoz a sua morte algumas vieram á luz da publicidade, revelam para nós muito mais que quaesquer outras, a intimidade do seu coração, a bondade da sua alma, toda a expansão do seu porte moral.

Nenhum musico, com um grau maior de modestia, revelou mais probidade nas suas obras! No final da composição de qualquer das suas peças, revelava sempre um receio extraordinario que o publico achasse pouco valor. Sua mulher dizia: «Raras vezes fica contente com o que escreveu na vespera.»

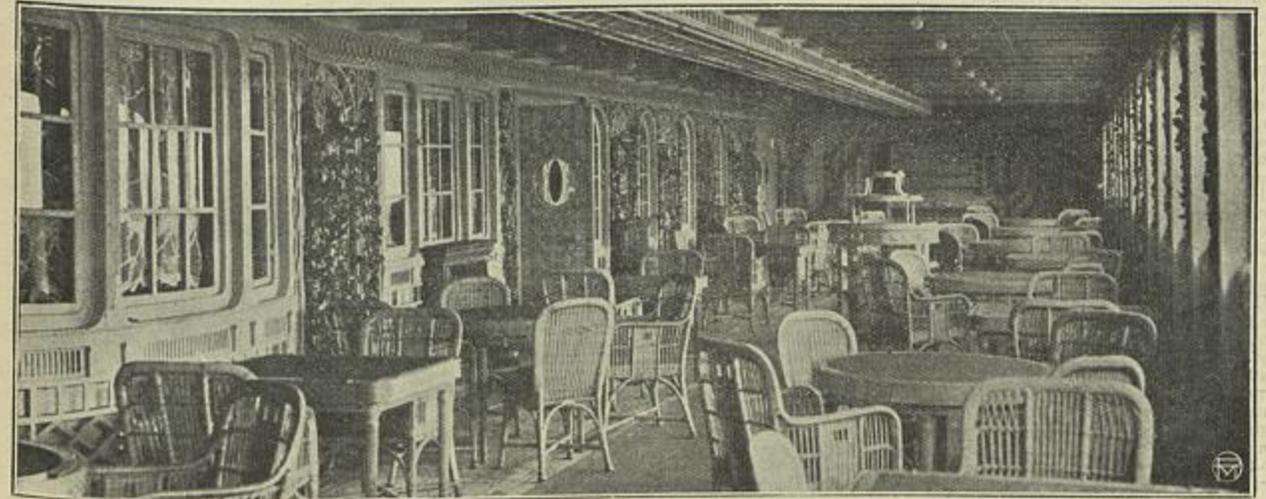
Antes de mandar gravar as suas obras pensava dias e dias se mereceria a pena! Mas como homem intelligente, recebia a critica com o maximo interesse; quando lia alguma critica mais dura, não a despresava, mas sim procurava n'ella o que possuia de bom para o seu aproveitamento artistico. Com vista a alguns artistas actuaes que pensam exactamente o contrario de Zumsteeg, sem possuirem a quarta parte do seu valôr!

O Naufragio do Transatlantico "TITANIC"

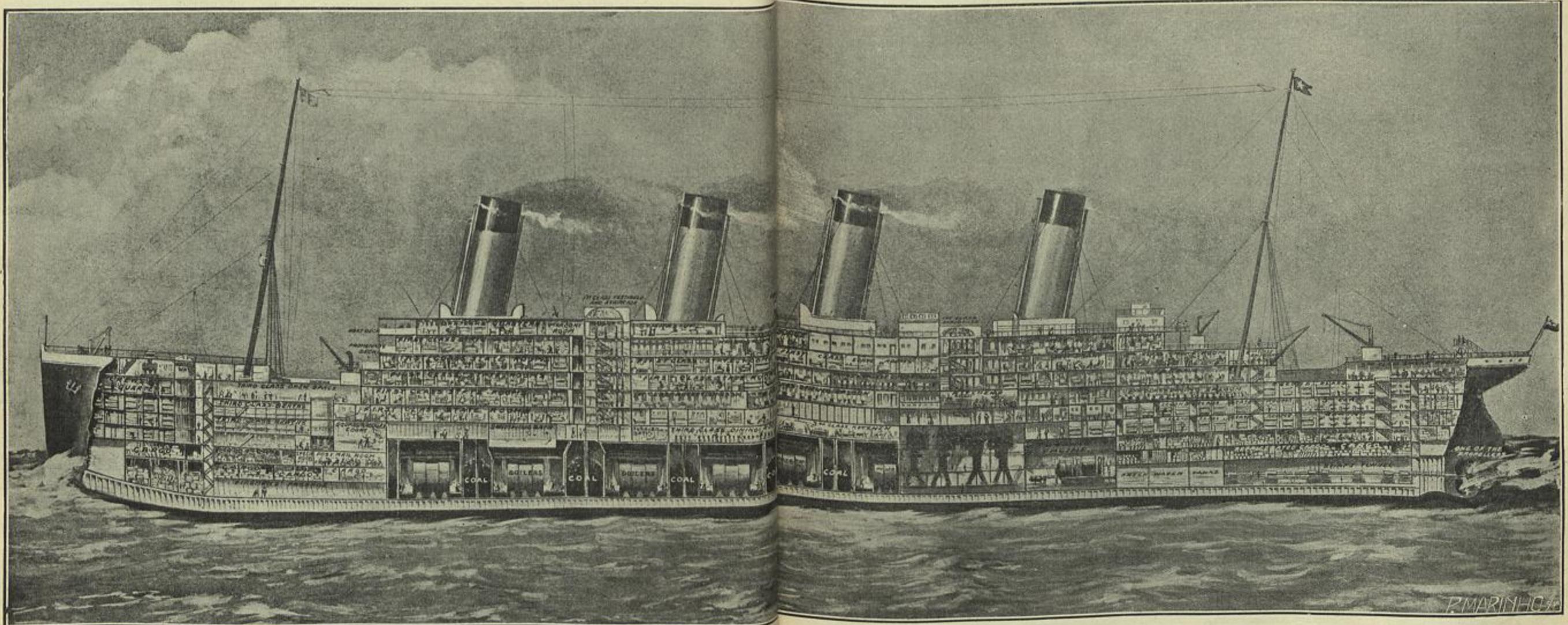
(Veja Cruz Occidental)



LANCHAS DE SALVAÇÃO VISTAS Á ESQUERDA NA COBERTA RESERVADA, PARA OS PASSAGEIROS DA PRIMEIRA CLASSE NO «TITANIC»



O Suntuoso CAFÉ PARISIENSE, DECORADO DE PLANTAS TREPadeiras A BORDO DO «TITANIC»



O GRANDE TRANSATLANTICO «TITANIC» NAUFRAGADO ENTRE AS ILHAS DE SABLE

RACE, MOSTRANDO OS SEUS DEZ DIFERENTES «DECKS» E COMPARTIMENTOS INTERIORES

Em 1787, Zumsteeg conheceu Matthisson, que lhe valeu de muito para o seu desenvolvimento artístico. Zumsteeg recebia na sua casa qualquer artista estrangeiro; Goethe lá esteve quando passou por Stuttgart em direcção á Suíça em 1797. Concebeu o projecto de adaptar á scena a sua balada *Colma* e mais tarde enviou-lhe uma pequena obra para elle a musicar, mas Zumsteeg era um modesto e Goethe esqueceu-se d'elle! O mesmo não aconteceu com Schiller que teve com o compositor uma continua correspondencia.

Desgraçadamente estas cartas estão perdidas; apenas foram encontradas algumas respostas de Zumsteeg.

A amizade de Schiller foi um dos factos capitais da vida de Zumsteeg. Este inspirou-se em muitos versos do grande escriptor. Schiller via no compositor a sua distincção de espirito, e sobre tudo a modestia e a bondade.

Zumsteeg vivia entre a grande estima dos poetas; assim, os seus antigos companheiros Hofmusk, Eidenbery, Albeille e Schwegler convivia muito com elle.

Hang era para o musico um dos seus maiores amigos.

Dentro d'esta orientação de vida, toda recolhida na arte e nas manifestações do Bello, odiava a sociedade, um mundo ficticio.

Marido modêlo, pae carinhoso, raras vezes sahia de casa, todo cheio de amor de familia passava o tempo ao pé de sua mulher lendo allemão, francez e italiano nas horas vagas da musica.

Ora Zumsteeg, vendo que as peças vocaes ou instrumentaes não lhe rendiam muito, virou as suas vistas para o theatro. Assim, nos primeiros annos apoz o seu casamento, vemos Zumsteeg todo dedicado a obras theatraes, compondo de 1784 a 1788 quatro operas: *Schuss von Gaensewitz oder der Betrug aus Liebe*, *Das tartarische Gesetz*, *Armide e Zalaor*; um melodrama *Tamira*. *Armide* foi a mais applaudida, embora Zumsteeg gostasse muito mais da sua *Zalaor*. Mas estas obras pouco dinheiro renderam, e vimos o compositor cahir em uma existencia bastante precaria!

(Continúa.)

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

Bibliografia Portuguêsa

(Concluido do numero antecedente)

- 1881 — CARTAS CURIOSAS DO ABBADÉ D. ANTONIO DA COSTA. Também igualmente publicado no Boletim.
- 1882 — ARCHIVO PORTUGUEZ-ORIENTAL. Appêndice á collecção do conselheiro J. H. da Cunha Rivara. Publicado por Annibal Fernandes Thomaz e J. A. da Graça Barreto. Fasciculo 1.º que contém cartas dos procuradores dos mesteres e as da Camara de Goa para El-Rei. Coimbra. Imp. Academica.
- 1883 — ENSAIO DE BIBLIOGRAPHIA CAMONEANA DE 1880 A 1883. Coimbra. Mesma imprensa. Esta publicação devia ser anonima, e tiraram-se 56 exemplares. Não passou de 142 artigos. Foi inserta no referido Boletim.
- 1889-1890 — CIRCULO CAMONEANO. Revista mensal. Director Joaquim de Araujo: — A pag. 37: A arte no Centenario. Adittamentos a Xavier Pinheiro, a pag. 104: Notas Camoneanas. (Falsos inéditos e attribuições erradas.) a pag. 236: Uma tradução hollandeza do Camões.
- 1890 — THEODORUS JOHANNES KERKHOVEN. UMA TRADUÇÃO HOLLANDESA DO CAMÕES. Porto. Imprensa Moderna. Com uma estampa da estatua sepulcral de D. Inez de Castro. Tiragem de 52 exemplares.
- 1894 — De collaboração com Marques Gomez — O PRIOR DO CRATO EM AVEIRO 1850. Notas e document s. Aveiro. Tiragem de 50 exemplares.
- 1898 — No livro de ANTONIO DE PORTUGAL DE FARIA — PORTUGAL E ITALIA. Ensaio do Diccionario. Bibliographico. Leorne. Typ. de Raphael Giusti. É um repositório das publicações portuguezas ou de portuguezes impressas em Italia. D. clara o autor (pag. 71) que a lista até á incerta, «foi elaborada pelo prestimoso e illustre Bibliographo Annibal Fernandes Thomaz.» Quasi no fim d'esto volume cita-se:
- 1898 — BIBLIOGRAPHIA ANTONIANA, no prélo.
- 1898-1899 — COLLECÇÃO DE ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO CONCELHO DA FIGUEIRA. Imprensa Lusitana. Com duas gravuras de braços de armas de Buarecs e Tavadede. Esta monografia saiu anonima. Em nota final declara-se ser da pena de Annibal F. Thomaz a parte bibliographica.
- 1899 — GARRETIANA. Divagações e transcrições. Figueira da Foz, Imprensa Lusitana. Publicou-

- se anonima, porem a introdução é assinada por A. Fernandes Thomaz. Edição de 80 exs.
- 1899 — MANUEL FERNANDES THOMAZ. (Iniciador da revolução portuguesa de 1820.) Notas bibliographicas e iconographicas. Figueira da Foz. Tiragem de 60 exemplares.
- 1902 — OS EX-LIBRIS PORTUGUESES. Alguns subsídios para o seu catalogo. Figueira.
- 1902 — LUIZ ANTONIO SOVERAL TAVARES. Elegia á deplorada morte do grande immortal regenerador da Patria Manuel Fernandes Thomaz. O e D a seu filho o ill.º sr. Manuel Fernandes Thomaz. Figueira. Edição de 50 exemplares.
- 1904 — GUILHERMINO DE BARROS. FERNANDES THOMAZ. A Aurora. 1820. Figueira. A mesma tiragem.
- 1904 — O FALSO EX-LIBRIS DE D. CATHARINA DE BRAGANÇA, rainha de Inglaterra. Resposta ao redactor do «Arquivo de Ex-libris Portugueses». Figueira, Typ. Popular.
- 1905 — OS EX-LIBRIS ORNAMENTAES PORTUGUESES. Reproduções e notas descriptivas. Com 175 illustrações. Porto. Typ. da Empresa Litteraria e Typographica.
- 1905 — UM SACRIPANTA ESFARRAPADO. Correctivo suave das aleivosas e insolencias do consul Joaquim da illustre prosapia dos Araujos, carinhosamente applicado por Annibal Fernandes Thomaz. Figueira da Foz.
- 1903 — MANUEL PINHEIRO CHAGAS. O MONGE DO BUSSACO. Episodio da invasão franceza. Figueira. Separata do artigo publicado em 1867 na Encyclopedia Popular. Edição de 70 exs.
- 1910 — O GENIO DE WELLINGTON OU A BATALHA DO BUSSACO, drama allegorico, por Nuno Alvares Pereira Pato Moniz. LYSIA VICTORIOSA, poema por José Joaquim de Figueiredo Saraiva. Inéditos publicados por A. F. T. Lisboa. Imprensa Lucas. Tiragem de 60 exs.

Dirigiu por dez annos o «Jornal da Louzã», fundado em 1883 e collaborou entre outros muitos no «Campeão das Provincias», Aveiro, na «Gazeta da Figueira», na «Revista Litteraria», sob o pseudonymo de Amílcar, no «Instituto», no «Conimbricense», nas «Novidades», no «Portugal Artístico», do Porto, etc., etc.

Era socio do Instituto de Coimbra, secção de archeologia, da Associação dos Architectos e Archeologos Portugueses, socio fundador da Sociedade de Bibliophilos Barbosa Machado, membro honorario do Conselho Heraldico de França, da Sociedade Litteraria Almeida Garrett, etc.

ALVARO NÉVES.

Coliseu dos Recreios

Opera lyrica

Boheme — A cantora portuguesa Cesarina Lyra — *Carmen Fausto* — *Favorita* com Paganelli — *Traviata* com Dora Domar.

A opera de Puccini, *Boheme*, tão conhecida do nosso publico, teve um desempenho bastante regular. A sr.ª Cavalieri deu nos uma *mimi* accetavel, detalhando o papel com alguma arte.



A SOPRANO LIGEIRO DORA DOMAR

A sr.ª Aceña mais uma vez foi app'audida com justiça bisando a valsa.

O tenor Vercher e barytono Marco, como os demais artistas regularmente.

Com a *reprise* da *Aida* a empresa apresentou-nos uma senhora portuguesa que tenciona seguir carreira lyrica, a sr.ª Cesarina Lyra.

A sr.ª Lyra é discipula da conhecida e eximia cantora Eugenia Mantelli actualmente professora de canto entre nós; a sr.ª Lyra revela qualidades de cantora intelligente, se continuar a estudar ha-de alcançar resultados satisfatorios. Foi muito bem recebida pelo publico que lhe fez muitas ovações.

A sr.ª Mantelli foi chamada ao palco recebendo muitos applausos.

A opera *Carmen* teve na parte de protagonista feita pela sr.ª Marrogati um desempenho correcto agradou sem favor.

Os restantes artistas, exceptuando a sr.ª Aceña, não estiveram nas suas noites felizes.

A linda opera *Fausto*, cantada pela sr.ª Cavalieri, veio provar mais uma vez a sua correcção como cantora; o papel de *Margarida* encontrou na sr.ª Cavalieri uma boa interprete.

O tenor Vercher regularmente.

O barytono Marco, sempre conhecedor da sua arte, e o baixo Baesmi discreto.

A opera *Favorita* foi para o reaparecimento este anno do tenor Paganelli. Como a epoca passada, este distincto cantor revelou mais uma vez a sua lindissima voz e bom methodo de canto, despertando os maiores enthusiasmos. Na *aria* do 1.º acto e no *spirito gentil*, que foi bisado, Paganelli revelou se bello cantor.

A sr.ª Marrogati mereceu com justiça os applausos que recebeu toda a noite.

O barytono Marco e baixo Baesmi regulares.

A soprano ligeiro Dora Domar, que acaba de visitar Lisboa pela primeira vez pisando o palco do nosso Colyseu, não é uma cantora desconhecida. Bastará folhear as revistas estrangeiras para vermos que o seu nome tem sido aclamado nos principaes theatros da Europa.

Em cinco annos de carreira Dora Domar tem pisado os palcos dos theatros de Vienna, Florença, Turim, no Scala de Milão, Veneza Bucarest, S. Petersburgo, Constantinopla, Real de Madrid, e agora o nosso Colyseu. O seu repertorio é vastissimo como: *Traviata*, *Boheme*, *Carmen*, *Fausto*, *Manon*, *Palhaços*, *Lucia*, *Rigoletto*, *Barbeiro*, *Don João*, *Puritinos*, *Somnambula*, *Elixir d'amor*, *Wally*, *Loreley*, *Don Pascoal*, *Huguenottes*, *Africana*, *Roberto do Diabo*, *Hamlet*, *Butterfly*, *Pescadores de Perolas*, *Romeu e Julieta*, *Fra Diabolo* e *Lakmé*.

A sua apresentação ao nosso publico foi com a *Traviata*, em que Dora Domar alcançou desde logo as boas graças da plateia.

Domar possui uma linda voz, maleavel e de facil emissão, e prestando-se esta opera para revelar a parte artistica da cantora Dora Domar soube traduzir toda a escala dolorosa da terrivel doença. A distincta cantora soube exprimir pelo olhar, pelo gesto, pela voz, o mais pequeno detalhe artistico, revelando de acto para acto todo aquelle crescendo de paixões e dôr!

O publico comprehendendo que estava diante de uma cantora de valor fez-lhe as maiores ovações, repetindo-se nos fins dos actos grande numero de chamadas. Os restantes artistas, é claro, ficaram um pouco eclipsados, mas foram também applaudidos pela boa vontade que mostraram.

Damos os parabens á empresa por ter proporcionado ao nosso publico uma cantora tão distincta.

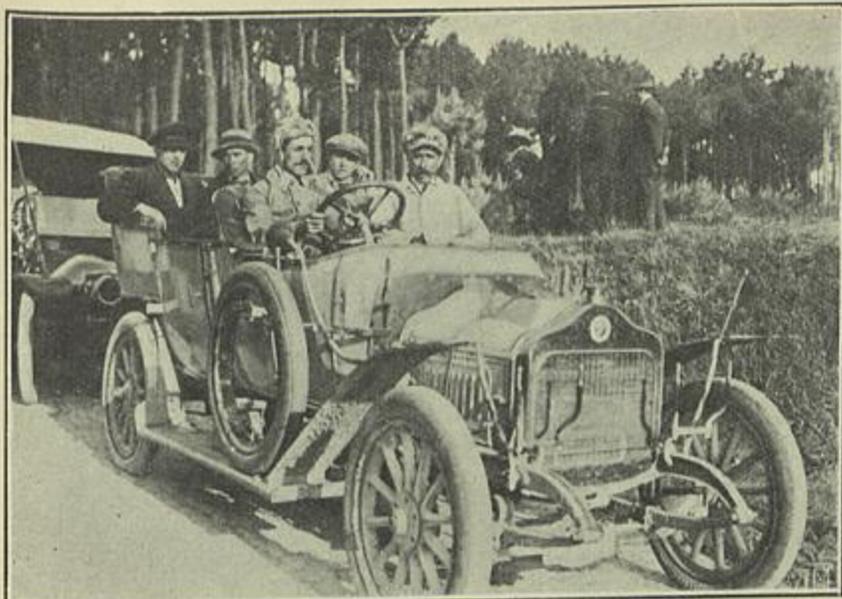
O circuito do Minho em automovel

Decorreram com grande enthusiasmo as provas das corridas organisadas pelo *Jornal de Noticias*, do Porto, que se realisaram no domingo 21.

As corridas eram para cicletes, motocicletes e automoveis. O percurso do circuito foi o seguinte:

Porto (Estrada de circumvalação), Moreira, Vila do Conde, Povoia de Varzim, Fão, Esposende, Vianna do Castelo, Caminha, Valença, Monção, Arcos de Val de Vez, Ponte da Barca, Vila Verde, Braga, Guimarães, Vizela, Paços de Ferreira, Valongo e Porto (local de partida) (315 kilometros).

Dos numerosos concorrentes inscrites, coube o primeiro premio dos motocicletes ao sr. Joaquim Dias Maia, que fez o percurso em 15 horas e 18 minutos.



AUTOMOVEL «MINERVA» DO SR. JOÃO CANDIDO D'ALMEIDA
QUE TEVE O PRIMEIRO PREMIO NO CIRCUITO DO MINHO

Os automoveis que concorreram foram em numero de 20. O primeiro a largar ás horas foi o carro do sr. dr. Oliveira Monteiro, que adeante da Povoia teve uma *panne*.

Seguiram-se os automoveis dos srs. Henrique Marinho, João Candido de Almeida, Antonio de Campos, João Garrido, Alfredo Antunes da Silva Cunha, Mota Ribeiro, Alvaro Bastos, Ventura da Silva Pinto, Alvaro Augusto Gomes Fernandes, Alfredo Teixeira, Placido A. Ferreira, Norberto Guimarães, José Rubens Martins, João Branco, Virgilio da Costa Neves, Albino Coelho de Moura, Ernesto Nogueira Pinto, Benedito Ferreirinha e Carlos Camacho Junior, todos na ordem numerica.

O primeiro premio dos automoveis, conforme o regulamento, coube ao n.º 3, *Minerva*, do sr. João Candido de Almeida, que fez o percurso de 327 kilometros em 6 horas e 37 minutos, gastando 23 litros de gazolina.



O Mez Meteorologico

Março de 1912

Barometro — Max. altura 772^{mm}.9 em 23.

» Min. altura 757^{mm}.1 em 31.

Termometro — Max. altura 27°.3 em 28.

» Min. altura 8°.1 em 25.

A temperatura que se conservou normal até 24, eleva-se rapidamente de 25 a 28 com um maximo apenas uma vez excedido, desde a fundação do Observatorio (27°.9 em 31 de março de 1902). Em 30 e 31, baixa sensivel de temperatura.

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 10 dias.

» — Ceu nubl. 14 dias.

» — Ceu encob. 7 dias.

Chuva — 460^{mm}.0 em 16 dias.

Humidade extrema — 100 (em 4), 28 (em 29).

Horas de sol descoberto — 165 h. e 16 m.



O eclipse do sol do dia 17 de abril

Com a pontualidade que é peculiar a estes fenomenos, teve logar o eclipse previsto, e foi esse, de certo, o facto mais importante a ser citado, durante a segunda quinzena do

mez que finda. Não logrou elle, a inspirar igual admiração, e mesmo terror do que os seus predecessores, do presente seculo, especialmente o de 1900, o que não admira visto que a presente geração não tinha tido ensejo de admirar ainda tão grande espectáculo. No entanto, houve muitos curiosos que se fartaram de observar o sol, e o andamento do fenomeno, quer por meio de vidros fumados, quer ainda pelos efeitos de reflexão da imagem do astro na agua,

onde facilmente se observava a marcha progressiva sem o trabalho de levantar a cabeça para o ar.

O eclipse pôde ser encarado, e assim o consideramos, debaixo de dois pontos de vista diversos, consoante os seus efeitos: *Efeitos meteorologicos e Resultados astronomicos*. Dos segundos, ainda não se acham todos averiguados, pois carecemos ainda de fotografias precisas, e da opinião abalisada dos sabios. Quanto aos primeiros, mais facilmente poderemos dar uma ideia dos seus efeitos, especialmente em Lisboa, onde o distinto director do observatorio meteorologico

poude seguir os factos. Esse senhor, tirou 72 fotografias, com intervalos eguaes, do fenomeno, determinando dessa fórma, a velocidade da sombra, motivada pela presença do ciclo lunar, em frente do sol.

Desde as 10 horas e 45 minutos, uma luz baça começou invadindo o horizonte, luz que foi diminuindo de intensidade, gradualmente até ás 11 horas e 40 minutos, momento em que nos deu a impressão de estarmos presenciando o crepusculo matutino.

A temperatura começa descendo até 11 horas, desenvolvendo-se, neblina, e alguns cumulos e cumulos stratus.

Os anemometros acusaram diminuição na força do vento, até que ás 11 horas e 30 minutos, a calmaria era absoluta.

Temperatura no actinometro

Horas	Esfera negra	Esfera brilhante
10,50	33°,4	23°,7
11	29°,0	21°,4
11,20	21°,7	18°,1
11,39	15°,8	15°,1
11,46	16°,6	15°,2
12,01	21°,1	15°,6
12,20	30°,0	21°,1
12,30	34°,3	22°,4
12,51	41°,3	27°,6
13,5	41°,8	27°,5

Variações de temperatura

Horas	
10	16°,3
10,30	16°,2
11	16°,0
11,05	15°,2
12	15°,2
12,05	16°,2
13	17°,3

No registador de Campbell, de horas de sol descoberto, notou-se que o aquecimento minimo foi registado entre as 10 e 45 minutos e 11 e 10 (horas).

Anemometros

Horas	Vento e força
10	NE M. Franco
10,5	ENE »
11	ENE »
11,30	Calma durante oito minutos
12	SSE Franco
12,30	SE »
13	SSE »

A pressão barometrica foi estacionaria durante o tempo que durou o fenomeno.

Às 13 horas e 4 minutos cessam as observações, momento em que a lua deixou de cobrir totalmente o sol.

A acumulação das nuvens accentua-se depois das duas horas da tarde, e ás tres horas a atmosfera achava-se toldada, aparecendo depois o sol, em toda a sua magnificencia.

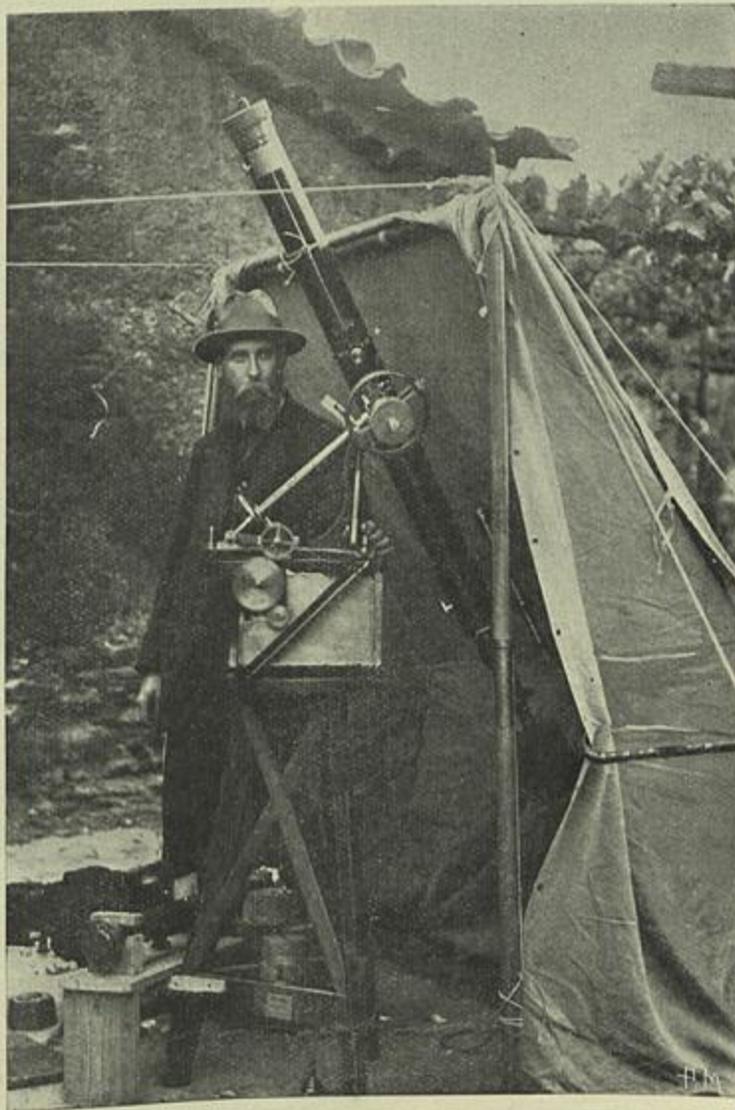
Quanto ás observações de ordem biologicas, foram registadas, as projecções das folhas de arvores sob fórma de crescentes, os animaes tendendo a recolherem-se, os galos cantando, etc.

Quanto ás observações de carácter astronomico, estas limitaram-se a notar alguns pormenores, tirando-se fotografias. O sr. Campos Rodrigues obtem 237 cliches com o paralatico de Repsold, o sr. Frederico Oom observa o fenomeno na equatorial de Repsold esboçando o que presenciou, o sr. Teixeira Bastos, por meio do oculo Traunhofer, observa igualmente o fenomeno.

Do resultado coletivo de todos estes observadores, se conclue que o primeiro contáto do disco da lua com o sol, foi ás dez horas, dois minutos e quarenta e oito segundos, e o ultimo á uma hora, quarenta minutos e trinta e oito segundos.

Carece de importancia mencionarmos estes dados, visto a divergencia das diversas sumidades no assunto.

Sobre as horas de inicio e terminação, foram os americanos os



OBSERVAÇÃO DO ECLIPSE EM OVAR

O DR. PIERRE SALET, ENCARREGADO DA MISSÃO FRANCESA DO MINISTERIO DE INSTRUÇÃO PUBLICA

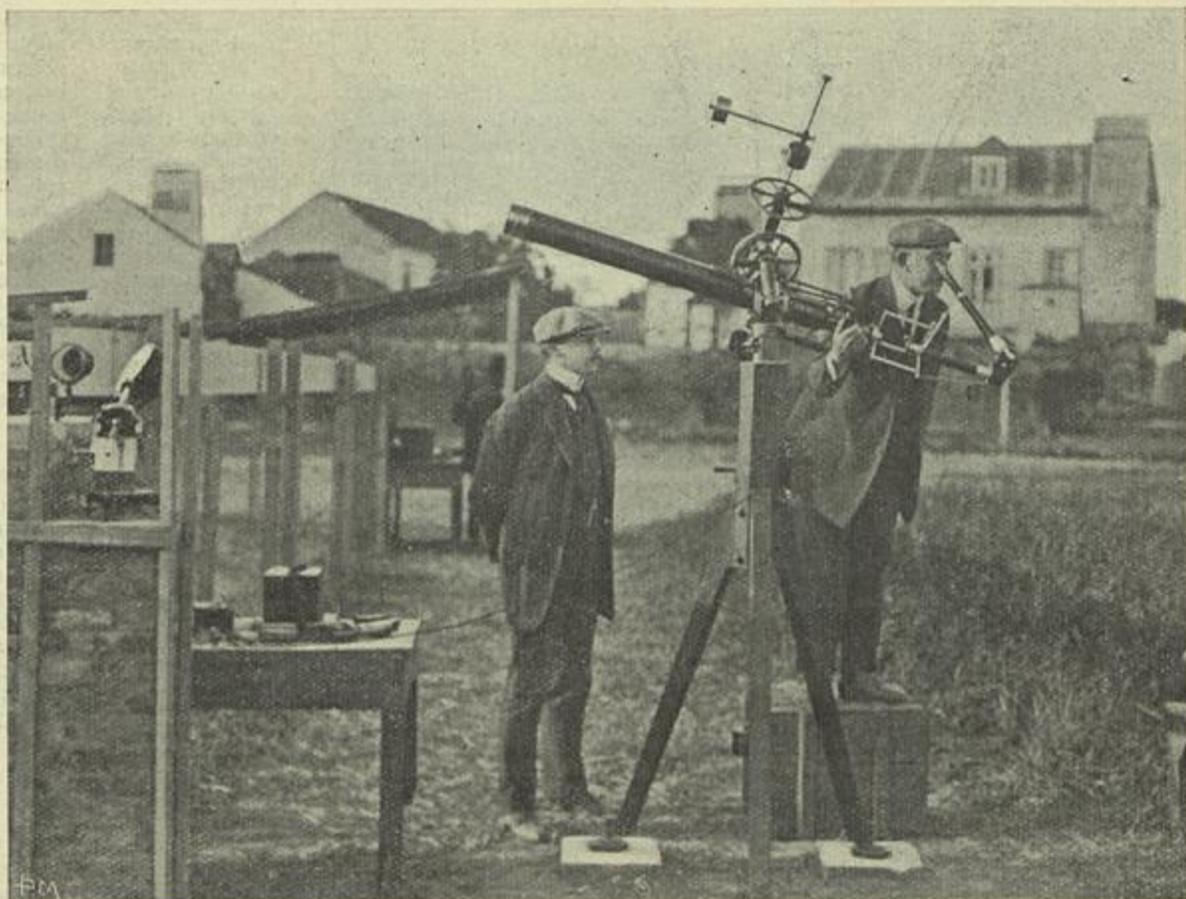
(Cliche R. Ribeiro da «Mala da Europa»)

que mais se aproximaram da exactidão, pois mencionavam para principio do fenomeno, as dez horas, dezeceis minutos e nove segundos, e para final, a uma hora e cinco minutos e quatro segundos.

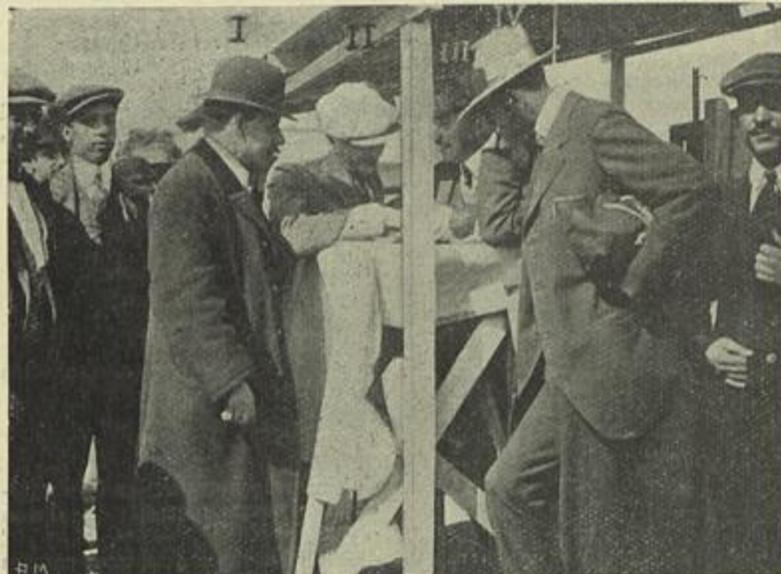
A totalidade do fenomeno não teve logar, conforme se prevêra na brochura publicada pelo observatorio da Tapada da Ajuda. Em Penafiel, deu-se o eclipse anular e a linha de centralidade passou cerca de trezentos metros ao oriente da igreja de Melhundos. Os centros do sol e lua coincidiram, ficando apenas visiveis os dois pontos luminosos situados um pouco acima dos extremos do diametro horizontal.

As observações em Ovar deveriam ser, sem duvida, as mais importantes, mas carecemos ainda de dados precisos sobre os resultados obtidos.

Houve duvidas se o acclipse foi total ou anular, mas é de crêr que não devesse ser total, mas sim, como anular total. Foi observado que o astro solar se velou por completo do lado dirétriz da lua, e ao mesmo tempo, em movimento rapido, do lado oposto, principiava a surgir um delgado fio de sol formado por pequenas contas luminosas que em espaço de segundo, se aglomeravam e se fundiam, fenomeno este que é conhecido desde 1836, e que foi



OBSERVAÇÃO DO ECLIPSE, EM OVAR
O DR. DONITCH E O SR. PAHLEN DA MISSÃO RUSSA



DEPOIS DAS OBSERVAÇÕES EM OVAR, O SR. COSTA LOBO, DR. PAHLEN, DR. DONITCH E DR. SALET, CONFRONTANDO OS RESULTADOS
(Clichés R. Ribeiro da «Mala da Europa»)

estudado por Baily, na Inglaterra e por isso tomou o nome de *contas de Baily* (Baily's Beads).

Dos resultados interessantes que se possam ter concluido sobre o fenomeno, que não mais a geração actual presenciará, daremos pormenores oportunamente.

ANTONIO A. O. MACHADO.

PUBLICAÇÕES

A Construção Moderna e As Artes do Metal, Revista tecnica quinzenal. Directores Melo Matos, Rozendo Carvalheira e Eduardo Nunes Colares. Proprietario, Eduardo Nunes Colares e Filho. Lisboa.—O n.º 366 desta magnifica revista, insere os seguintes artigos: Actualidades por José Joaquim d'Azevedo; Arquitectura estrangeira; Serralharia artistica; Cantaria artistica; Marcenaria e carpintaria artistica; Theatros e circos, etc. Publica tambem interessantes gravuras da especialidade.

Almanaque Illustrado do «Occidente»

PARA 1912

Está quasi esgotado e recebem-se encomendas para os poucos exemplares restantes, na Empresa do «Occidente» L. do Poço Novo—Lisboa.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C., Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescencia de todas as doencas* e sempre que é preciso *levantar as forças*. É muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que teem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percalina com letras a ouro,
encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos,
eguaes na cor para collecções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200